

Formação humana e amizade segundo a *ética* de Aristóteles

Orientando: Lucas Felipe Rodrigues de Oliveira¹

Orientadora: Maria Betânia do Nascimento Santiago

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo trazer ao debate o significado da amizade na perspectiva de Aristóteles na obra *Ética a Nicômaco*, relacionando essa experiência à formação do indivíduo. A abordagem dessa problemática ocorre em relação com os desafios da contemporaneidade, visto as possibilidades de interpretação desse conceito. Dessa forma, o estudo buscou, por meio de uma revisão bibliográfica, caracterizar o papel da amizade na formação humana a partir da ética em Aristóteles, considerando a sua importância como parte do processo de constituição do sujeito, e realizando apontamentos quanto ao sentido educativo dessa experiência.

Palavras-chave: amizade; formação; Aristóteles; ética.

Abstract: This paper aims to bring to the debate the meaning of friendship from Aristotle's perspective in the work *Nicomachean Ethics*, relating this experience to the formation of the individual. The approach to this issue occurs in relation to the challenges of contemporary times, given the possibilities of interpretation of this concept. Thus, the study sought, through a bibliographic review, to characterize the role of friendship in human formation based on ethics in Aristotle, considering its importance as part of the process of constitution of the subject, and making notes regarding the educational meaning of this experience.

Keywords: friendship; education; aristotle; ethics.

DATA DE APROVAÇÃO: 10 de abril de 2025.

1. INTRODUÇÃO

A relevância do conceito de amizade para a filosofia, especialmente no campo da ética e da formação humana, tem se manifestado em diversas produções que aprofundam essa discussão ao longo da história do pensamento. Desde Aristóteles, que em *Ética a Nicômaco* destacou a amizade (*philia*) como um elemento central para o florescimento humano (*eudaimonia*), até os estudos contemporâneos que analisam sua influência nas relações humanas e experiências educacionais, a amizade tem sido reconhecida como um fator essencial para a vida em sociedade.

Para entender o significado de amizade, um importante referencial é oferecido pela experiência da Grécia Antiga, especialmente revelado na forma de poemas, como a *Odisseia* de Homero (2021), assim como nas obras dos filósofos. Aristóteles considera a amizade essencial para um *Bem Viver* na *Pólis*, destacando sua importância para a formação do

¹ Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: lucas.feliperodrigues@ufpe.br

indivíduo. Quanto a isso, é importante reconhecer que o processo educativo molda as pessoas e, conseqüentemente, a natureza de seus vínculos influencia quem elas se tornam. Rocha (2006) destaca a relevância dessa experiência, enfatizando que Aristóteles designa a amizade como uma forma de convivência íntima, agradável e, também, benéfica ao sujeito. Então qual seria a relevância ao entender o sentido da amizade para os gregos? Quais as contribuições que essa leitura oferece para a realidade atual?

Conforme Barreiro e Carvalho (2022), a amizade sempre foi um tema central na filosofia, variando suas concepções ao longo do tempo e tem influenciado as relações humanas em diferentes contextos históricos. Essa questão possui uma íntima relação com a experiência educativa. Quanto a isso, Paviani (2012) afirma que a formação do sujeito é um processo contínuo, sendo essencialmente um exercício de construção do caráter. Ele destaca que a formação ética não é um acúmulo de conhecimento, mas um hábito deliberado que orienta as escolhas e as ações do indivíduo.

A formação ética, portanto, exige um envolvimento ativo do indivíduo na busca pela excelência, onde a aprendizagem das virtudes se dá por meio da experiência e da repetição de atos virtuosos. Esse é o entendimento próprio à perspectiva da ética de Aristóteles, na qual a amizade fundamentada na virtude desempenha um papel central na educação do caráter e na consolidação de uma vida ética.

1.1 JUSTIFICATIVAS

A discussão em pauta adquire uma relevância pessoal na medida em que a questão da amizade mostrou ser algo mais desafiador e estimulante, além do que eu poderia supor a seu respeito, despertando uma motivação particular em explorar as intersecções das relações entre as pessoas e o fenômeno educativo. O interesse nesse tema parte diretamente dos estudos em sala do Curso de Pedagogia², nos quais se aborda a filosofia de Aristóteles e a temática da amizade. Tais ideias discutidas despertaram uma curiosidade para entender melhor como a amizade era interpretada naquele contexto e na atualidade.

Quanto ao aspecto social, observa-se que discutir sobre amizade, a partir da abordagem de um pensador antigo pode se traduzir como algo relevante ou interessante socialmente. Entendo que essa leitura pode ser compreendida como uma ferramenta capaz de contribuir para

² Disciplina de *Fundamentos Filosóficos da Educação*, ministrada no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no primeiro semestre de 2021, pela docente Maria Betânia do Nascimento Santiago.

a compreensão das dinâmicas sociais. A necessidade de interpretar diferentes formas de relacionamento humano a partir de uma base filosófica, reforça a importância de conduzir a discussão filosófica dentro do contexto social, tornando-a um meio de compreensão mais próximo à realidade contemporânea.

Além disso, é importante afirmar que essa discussão tem se tornado central ao debate acadêmico, uma vez que diversas obras desenvolvem a concepção aristotélica da amizade. A maioria desses estudos analisados se destaca por apresentar a amizade, relacionando a abordagem clássica ao contexto contemporâneo. Dessa forma, o trabalho se situa no âmbito dessa discussão, dada a relevância do tema, oportunizando a criação de caminhos para contribuir nesses diálogos, buscando tornar o debate sobre a amizade mais acessível, reconhecendo essa experiência como elemento formador do sujeito na sociedade atual.

1.2 METODOLOGIA

Este trabalho se constitui numa revisão bibliográfica sobre o tema. Quanto a isso, como prevê Lakatos (2003), através desse modelo de pesquisa será possível analisar não apenas dados já consolidados, como também os mais atuais e relevantes para com a discussão do tema. O objetivo da pesquisa foi investigar o conceito de amizade (*philia*) na filosofia de Aristóteles, destacando suas implicações para a formação ética. Partindo disso, buscou-se relacionar a problemática da amizade no mundo contemporâneo, além de refletir sobre o papel da amizade no processo formativo.

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, que “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2002, p.21). A revisão bibliográfica é uma metodologia fundamental para pesquisas nas ciências humanas. No estudo em questão, ela possibilitou uma análise crítica e aprofundada das principais ideias presentes na obra *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, em diálogo com intérpretes contemporâneos.

A discussão se fundamenta na concepção aristotélica de amizade, conforme exposta na obra *Ética a Nicômaco*, especialmente no que diz respeito à sua influência na formação do sujeito. Essa obra de Aristóteles é a base teórica principal do trabalho, e essa leitura se constitui em diálogo com autores contemporâneos, que nos auxiliam a aprofundar a análise e a contextualização desse conceito no mundo atual. Dessa forma, a pesquisa mantém a fidelidade ao pensamento aristotélico, ao mesmo tempo em que explora suas ressonâncias e possíveis releituras em nosso tempo.

O estudo se concentra na relação entre amizade e formação ética a partir da perspectiva aristotélica trabalhada no Livro VIII da *Ética a Nicômaco* e suas implicações contemporâneas. Outras partes da obra foram incorporadas ao trabalho de forma complementar e necessárias à compreensão do conceito. Para tanto, a escolha do Livro II é fundamental, uma vez que aborda o significado da *virtude* em um sentido amplo, enfatizando a formação do caráter de modo geral. Da mesma forma, o Livro IX, que discute e aprofunda aspectos que, embora relevantes, extrapolam o recorte central da pesquisa.

A escolha do Livro VIII se justifica pelo fato de que nele se concentram questões centrais ao trabalho, oferecendo uma base conceitual para entender o significado da amizade, aproximando-se mais da proposta desse estudo. Com efeito, a abordagem do Livro II possui relevância, por tratar da formação do caráter moral, explicando como a prática das virtudes leva à excelência humana. Já o Livro IX, oferece aspectos mais direcionado ao campo político da discussão sobre amizade, que podem auxiliar em questões pertinentes a esse debate.

A importância da amizade para a filosofia, a ética e a formação humana é um tema que tem sido abordado em várias obras e discussões. Uma análise de bases de dados científicas, como a *SciELO (Scientific Electronic Library Online)*, a *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)* e o portal de *Periódicos CAPES*, revela que há um número significativo de estudos dedicados à amizade como elemento central na formação do indivíduo, com produções bastante diversificadas quando comparado a outras temáticas da ética aristotélica.

Fazendo um recorte temporal dos últimos cinco (05) anos por meio dessas fontes de pesquisa, identificamos oito (8) produções que discutem questões específicas que envolvem formação humana, amizade e ética em Aristóteles, e a seguir destacamos algumas.

O artigo de Zingano (2024), intitulado “Prazeres falsos, boas amizades”, que traz uma caracterização detalhada de como a amizade se constitui em Aristóteles e em como é impossível haver uma definição comum para esse conceito. O trabalho nos auxilia na compreensão dos conceitos fundamentam a amizade em Aristóteles.

Uma outra produção é o artigo de Cenci e Dalbosco (2024), “A *Philia* e o sentido formativo da amizade na ética aristotélica”, que discute o percurso formativo da amizade considerando as contribuições de Platão e de Aristóteles. Além disso, eles trazem elementos pertinentes a uma discussão mais contemporânea, quando afirmam que, em um sentido moderno, costuma-se supor que a relação entre amigos se sustenta nas qualidades individuais e atributos singulares dos indivíduos.

Destacamos também o capítulo da obra organizada por Barreiro e Carvalho (2022), intitulado “*A ética da amizade em Aristóteles e suas contribuições na relação professor-*

aluno”, ao qual recorreremos no desenvolvimento desse trabalho. Essa análise traz uma associação da amizade ao espaço escolar, especialmente no que diz respeito a relação professor e aluno, enfatizando a importância da reciprocidade, respeito e da busca pelo bem do outro na educação.

Também há trabalhos mais específicos sobre a Formação Humana, e que não abordam diretamente a amizade e a ética, como o artigo produzido por Fensterseifer e Kronbauer (2023). Os autores realizam uma discussão interessante relacionada a formação docente atrelada a *phronesis*, além de também recorrerem a obras como a *Ética a Nicômaco* para enriquecer o diálogo associado ao pensamento Aristotélico.

A essas produções encontradas em bases como *SciELO*, *BDTD* e *Periódicos CAPES*, articulamos estudos nacionais e internacionais que abordam de maneira específica a temática. Autores como Martha Nussbaum (2001), Julia Annas (1995), Richard Kraut (2021), Roger Crisp (2014) e, especialmente, Alasdair MacIntyre (2001), sendo um dos filósofos mais influentes da ética contemporânea, oferecem contribuições significativas para a interpretação da ética aristotélica, explorando a amizade como um elemento essencial no desenvolvimento moral e na construção do caráter³. Suas pesquisas ampliam a compreensão sobre o impacto da amizade nas relações sociais e educacionais contemporâneas, permitindo analisar os desafios da modernidade. Dessa forma, a inclusão desses autores no presente estudo em diálogo com a produção acadêmica nacional visa enriquecer essa discussão.

A primeira etapa da pesquisa consistiu na seleção das fontes bibliográficas, para garantir a consistência e a relevância da fundamentação teórica, concentrando-se inicialmente no estudo da obra de Aristóteles *Ética a Nicômaco* (1991), texto fundamental ao tema, e posteriormente os outros trabalhos.

Assim, além da obra de Aristóteles, foram selecionadas produções contemporâneas que contribuem para o aprofundamento e a contextualização da temática no cenário atual. A leitura de Dugnani (2020) foi incorporada para compreender os impactos da cultura digital e da lógica individualista nas relações humanas contemporâneas, sobretudo no que diz respeito à fragilidade da alteridade e da amizade. Já o trabalho de Carvalho e Colombani (2014) foi fundamental para refletir sobre a amizade como prática ética no ambiente educacional, reforçando o vínculo entre ética, convivência e formação no contexto da sala de aula.

³ Para Aristóteles, a ética diz respeito à reflexão sobre o modo de viver bem, enquanto a moral refere-se aos hábitos e costumes que orientam as ações. Ambas estão vinculadas à prática das virtudes, cujo objetivo é alcançar a *eudaimonia*, ou seja, a realização plena da vida humana por meio da excelência do caráter. (ARISTÓTELES, 1991)

A escolha dos textos seguiu critérios de autenticidade e autoridade no campo da filosofia, da ética e da educação, priorizando estudos que discutem o conceito de amizade na obra de Aristóteles e suas aplicações nas relações sociais contemporâneas. O objetivo foi proporcionar uma compreensão abrangente do conceito de amizade, considerando a leitura de Aristóteles e as discussões contemporâneas. Quanto a isso, é relevante compreender que o conceito de amizade, embora tenha suas raízes em concepções históricas e filosóficas, passou por transformações significativas ao longo do tempo, especialmente com o advento das novas formas de comunicação e interação social. A partir dessa perspectiva, podemos examinar como os teóricos contemporâneos abordam esse fenômeno em suas obras.

Uma vez selecionadas as fontes, a análise dos textos ocorreu de forma sequencial e crítica. Primeiramente, no Livro VIII da *Ética a Nicômaco* de Aristóteles (1991) foi lido e interpretado considerando o conceito de *philia*, que abrange diferentes tipos de amizade, sendo elas a amizade por prazer, por interesse ou utilidade e a amizade ideal, por virtude, que é baseada no bem e no respeito mútuo. A partir dessa leitura, buscou-se identificar como a amizade, segundo o filósofo, contribui para o desenvolvimento moral do indivíduo e para a formação do caráter virtuoso. Autores como Richard Kraut (2021) e Roger Crisp (2014), auxiliaram na compreensão da relação entre amizade e virtude no pensamento de Aristóteles.

Esses referenciais nos ajudam a compreender como os estudiosos contemporâneos têm interpretado o conceito aristotélico de amizade à luz dos desafios e complexidades das relações humanas no mundo atual. Isso incluiu uma análise das contribuições de Aristóteles a partir da leitura de Paviani (2016), que discute as implicações éticas e educacionais da amizade, com foco no impacto que essas relações podem ter na formação ética e social do indivíduo. A filosofia moral de Charles Taylor (1989), que enfatiza a importância da comunidade e das relações interpessoais na construção da identidade moral, também contribuiu para pensar a amizade dentro do contexto das relações sociais contemporâneas.

A análise dos textos parte da relevância para o tema da amizade e sua aplicação no campo da ética, compreendendo as categorias analíticas centrais ao estudo, sendo elas a formação humana, a ética em Aristóteles e a questão da amizade. Além disso, buscou-se estabelecer uma convergência entre as diferentes visões teóricas, com o objetivo de construir uma argumentação que destacasse tanto os aspectos atemporais da amizade aristotélica, quanto as adaptações e interpretações contemporâneas dessa virtude na formação moral e ética.

O texto que segue está estruturado em três (03) partes, que se desdobram de acordo com os objetivos assumidos para esse estudo. A primeira, contempla uma caracterização do atual cenário, marcado pelo individualismo e da fragilidade das relações humanas e o significado da

formação do sujeito a partir da ética de Aristóteles, argumentando sobre como esse processo ocorre na busca pelo bem comum e formação ética do indivíduo. A segunda, traz considerações acerca da amizade, abordando essa experiência como parte do processo de constituição do sujeito, refletindo sobre a amizade na atualidade, destacando mudanças que se evidenciam nesse cenário. Na terceira, apontamos alguns elementos acerca do sentido educativo da experiência de amizade.

2 INDIVIDUALISMO E FORMAÇÃO HUMANA: Contribuições da *Ética* de Aristóteles

As mudanças que caracterizam o mundo contemporâneo têm impactado de maneira significativa as relações humanas e nos convidam a refletir sobre como tais transformações impactam as formas de convivência e a constituição dos vínculos humanos. O avanço das tecnologias digitais, aliado à crescente supervalorização da autonomia individual, tem redefinido as relações sociais, interferindo diretamente na experiência de amizade. Nesse cenário, torna-se pertinente investigar de que maneira essas novas dinâmicas influenciam os modos de se relacionar, especialmente no que diz respeito à formação ética dos sujeitos.

Dessa forma, propomos a seguir uma análise crítica da fragilidade dos laços interpessoais na atualidade, à luz da filosofia aristotélica da amizade (*philia*) e de autores contemporâneos que discutem os desafios morais e formativos no contexto da cultura digital.

2.1 A FRAGILIDADE DAS RELAÇÕES E OS DESAFIOS DA ÉTICA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Nas sociedades contemporâneas, observa-se um cenário marcado por intensas transformações nas formas de se relacionar, em grande parte mediadas pela tecnologia e pelo predomínio de uma lógica individualista. A convivência humana, que outrora era forjada em vínculos duradouros e experiências compartilhadas, tende a ser substituída por relações efêmeras, fragmentadas e orientadas por interesses momentâneos. Nesse contexto, a amizade, enquanto, experiência ética e formativa, encontra-se cada vez mais fragilizada.

Dugnani (2020) discute esse fenômeno ao apontar que, embora os meios digitais ampliem o potencial de contato entre as pessoas, eles também fomentam o isolamento, a autoexposição e a busca incessante por visibilidade. Diferentemente daquilo que se poderia esperar de canais de comunicação modernos, “os meios digitais tem produzido efeitos de

isolamentos e conexões ao mesmo tempo. Isolamentos interpessoais e conexões virtuais. Essas relações tem desenvolvido uma sensação de solidão no sujeito da Pós-modernidade” (DUGNANI, 2020, p. 40). Para o autor, a “falência da alteridade” é um dos traços centrais da cultura digital, que estimula interações pautadas na performance individual em detrimento da escuta, da presença e do reconhecimento do outro como sujeito. Tais características vão de encontro à concepção aristotélica de *philia*, baseada na reciprocidade, na partilha do bem e na construção ética de si na relação com o outro.

Nesse sentido, a crítica de Dugnani (2020) complementa a análise de MacIntyre (2001), que associa a crise moral moderna à perda das referências coletivas e à dissolução das práticas comunitárias que sustentam a construção das virtudes. O sujeito moderno, isolado em suas escolhas e guiado por princípios abstratos ou utilitaristas, torna-se incapaz de cultivar vínculos éticos profundos, como a amizade baseada na virtude proposta por Aristóteles. A consequência é uma sociedade cada vez mais desprovida de sentido moral compartilhado, na qual o bem comum é substituído pela lógica da conveniência.

No contexto da cultura digital contemporânea, a figura dos influenciadores digitais exemplifica de forma significativa os efeitos da lógica individualista e performativa que Dugnani (2020) aponta como marcas da falência da alteridade. Mais do que apenas usuários de redes sociais, esses sujeitos tornam-se modelos de visibilidade e consumo simbólico, reforçando vínculos baseados na aparência, na influência e na aprovação social.

Nesse sentido, a centralidade da imagem e da exposição de si nas plataformas digitais não apenas transforma os modos de se relacionar, mas também impõe desafios à formação moral dos sujeitos, especialmente no ambiente educacional, onde a amizade como valor formativo passa a disputar espaço com modelos de relação cada vez mais utilitários e efêmeros. Diferente da *philia* aristotélica, que se sustenta na reciprocidade e na partilha ética, as relações estabelecidas com influenciadores são marcadas por assimetria e distanciamento, contribuindo para o enfraquecimento de laços autênticos.

Assim, problematizar a fragilidade das relações humanas na contemporaneidade é também reconhecer os desafios éticos que comprometem a formação do sujeito em sua dimensão mais profunda. Resgatar a amizade como valor formativo, na linha de Aristóteles, é propor um contraponto à cultura do individualismo, reafirmando a importância da convivência ética como base para a construção de uma vida boa, tanto no plano pessoal quanto coletivo.

A constatação do enfraquecimento das relações interpessoais e da prevalência de vínculos efêmeros na sociedade contemporânea, como apontado por Dugnani (2020) e MacIntyre (2001), revela um cenário ético desafiador, especialmente no que diz respeito à

formação ética dos sujeitos. Nesse contexto, torna-se fundamental recuperar perspectivas filosóficas que ofereçam fundamentos sólidos para repensar a educação ética e os modos de convivência.

É nesse horizonte que a filosofia de Aristóteles se mostra particularmente relevante, ao propor uma concepção de formação humana centrada na virtude, na razão prática e na vida em comunidade. A seguir, explora-se como a ética aristotélica contribui para uma compreensão mais profunda do processo formativo, destacando o papel da *philia* e da prática das virtudes como caminhos para a construção de uma vida boa e socialmente comprometida.

2.2 A FORMAÇÃO HUMANA SEGUNDO A PERSPECTIVA DA ÉTICA DE ARISTÓTELES

A formação do sujeito não pode ser pensada de maneira isolada, mas sim como um processo que envolve tanto o desenvolvimento individual quanto o compromisso com a coletividade. Paviani (2016, p.81, 103), em *Ética da Formação*, argumenta que a formação não se restringe à transmissão de conhecimento técnico ou intelectual, mas está profundamente ligada à dimensão ética da existência humana. Para ele, a formação é um processo contínuo de construção moral, no qual o indivíduo se transforma a partir de experiências, relações interpessoais e práticas que envolvem responsabilidade e reflexão.

A formação humana, segundo Aristóteles, é centrada no desenvolvimento das virtudes, ou *areté*, e no cultivo da razão prática, ou *phronesis*. A principal diferença entre Aristóteles e algumas abordagens modernas é a ênfase no processo contínuo de prática, não apenas no conhecimento teórico. Para Aristóteles (1991, p.17-18, 20), a *eudaimonia* (felicidade ou bem-estar completo) não é um estado estático a ser alcançado por uma simples decisão, mas um processo que se realiza ao longo de toda a vida.

Dessa forma, Paviani (2016) entende que a formação ética não acontece de forma isolada, mas no encontro e no diálogo com o outro. Paviani ressalta a importância da ética como fundamento da formação. Essa ideia remete à noção aristotélica de que a educação do caráter não pode ocorrer sem uma comunidade que compartilhe valores morais e que estimule a prática da justiça, prudência e responsabilidade.

Aristóteles acredita que a formação ética se fundamenta na repetição de ações virtuosas, que, ao longo do tempo, se transformam em hábitos, ou *ethos*, criando disposições duradouras para a ação correta. Nesse sentido, a formação humana não é apenas racional, mas também emocional e prática. A *phronesis* é o que permite ao sujeito discernir corretamente em situações

concretas e agir de acordo com o bem comum, considerando as particularidades de cada contexto.

No Livro II de *Ética a Nicômaco* (1991), Aristóteles afirma que a virtude é adquirida pela prática constante e deliberada, que transforma as ações em hábitos e cria a disposição interna para a ação correta. A *phronesis*, então, é essencial para a prática da virtude, pois permite que o indivíduo aja de forma justa e equilibrada em diferentes situações da vida cotidiana. Segundo Aristóteles, há três características que compõem a virtude: as paixões, as faculdades e a disposição de caráter.

Além disso, segundo Paviani (2016), a formação ética exige um ambiente social e educacional propício, onde o diálogo e a reflexão crítica sejam incentivados. Isso implica reconhecer que o processo formativo ocorre em diferentes esferas da vida, desde a família e a escola até a participação ativa na comunidade.

Ele reconhece que a formação deve ser baseada em hábitos que promovem ações racionais e virtuosas, sendo a educação uma atividade consciente que impacta escolhas e decisões. Paviani (2012) assim caracteriza a prática do bem viver em sua relação com a Educação:

... essa busca das virtudes éticas é uma atividade educativa, as quais não acontecem por natureza, mas pelo esforço, pela formação, já que são disposições das deliberações do agir correto. Nesse sentido, a educação tanto pode ser para o bem como para o mal. Os atos humanos mostram quando um homem é virtuoso ou não. A educação implica um agir consciente, deliberado e fundado numa disposição moral. É a deliberação racional que justifica e explica as escolhas ou decisões. (Paviani, 2012, p.111)

Conforme Paviani (2016), a formação do sujeito vai além da aquisição de conhecimento ou da interiorização de normas. Ela deve ser compreendida como um processo ético e relacional, no qual o desenvolvimento individual está diretamente ligado à interação com os outros. Assim, a busca pelo autoconhecimento e pela excelência moral (*areté*) passa necessariamente pela convivência e pelo compromisso com uma vida coletiva pautada na justiça, na amizade e na responsabilidade mútua.

A ética, na perspectiva aristotélica, é um campo do saber que se ocupa da busca pelo bem supremo, *eudaimonia*, frequentemente traduzida por felicidade, e da formação do caráter (*ethos*), sendo inseparável da prática e da vida em comunidade. Paviani (2012, p.113) enfatiza que, para Aristóteles, a ética não é um conjunto de regras abstratas, mas um processo pedagógico contínuo de aprendizado moral, no qual o indivíduo desenvolve suas virtudes por meio da experiência e do hábito. A educação ética, nesse sentido, tem a função de formar

cidadãos que saibam discernir e agir corretamente, orientando-se pela prudência (*phronesis*) e pelo compromisso com o bem comum.

Segundo MacIntyre (2001), a ética possui um caráter narrativo e comunitário, estando enraizada em tradições históricas que moldam a identidade e as práticas dos indivíduos. Para o autor, a crise moral da modernidade resulta da fragmentação dessas tradições, o que compromete a construção de um referencial ético comum (cf. MACINTYRE, 2001, p. 112-113). Em contraposição à moralidade iluminista, baseada em princípios universais, MacIntyre defende uma ética das virtudes, construída na participação ativa em comunidades que compartilham valores e objetivos.

Nessa linha, como afirmam Paviani (2012) e MacIntyre (2001), a ética não pode ser reduzida a regras normativas ou a escolhas individuais isoladas. Em vez disso, ela deve ser compreendida como um processo de formação do caráter, no qual as virtudes são desenvolvidas pela prática e pelo engajamento em uma tradição moral. Assim, a ética assume um papel essencial na construção de uma sociedade justa, onde os indivíduos são educados para agir com responsabilidade e buscar o bem comum.

Para Aristóteles, a virtude está ligada à ação virtuosa, que busca o meio termo entre excessos e deficiências. Ele a define não como uma média simples, mas como uma escolha consciente para alcançar o equilíbrio nas paixões e ações, evitando tanto o excesso quanto a falta. A virtude, segundo Aristóteles, representa uma moderação que permite uma vida justa e racional, tornando a busca pelo equilíbrio uma deliberação ética. Ele enfatiza que a virtude é uma forma de autocontrole, refletindo a habilidade de agir de acordo com o que é adequado e bom para a vida humana.

[...] E é um meio-termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta; pois que, enquanto os vícios ou vão muito longe ou ficam aquém do que é conveniente no tocante às ações e paixões, a virtude encontra e escolhe o meio-termo. E assim, no que toca à sua substância e à definição que lhe estabelece a essência, a virtude é uma mediania; com referência ao sumo bem e ao mais justo, é, porém, um extremo. (Aristóteles, 1991, p.38)

A partir dessa compreensão de Aristóteles, a formação ética não pode ser compreendida como um esforço individual solitário, mas como um processo que está enraizado na vida comunitária. Aristóteles enfatiza o papel central da razão e da *phronesis* na prática da virtude. Nessa linha, Paviani (2012, p.110) ressalta que a ética tem uma dimensão essencialmente educativa, vinculada ao desenvolvimento humano e à construção de valores que orientam a vida em sociedade.

A formação ética é assim compreendida como um processo contínuo que requer uma reflexão constante sobre as ações, um compromisso com a verdade e a prática do bem, dentro de um contexto social e histórico compartilhado. É nessa perspectiva que podemos compreender o sentido atribuído por Aristóteles a Amizade e o seu valor formativo.

3. O SENTIDO DA AMIZADE NA ÉTICA DE ARISTÓTELES

A abordagem da *Ética* de Aristóteles aponta assim para o significado da amizade no processo formativo. O pensador vê a amizade como uma convivência íntima e prazerosa, afirmando que “sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens.” (ARISTÓTELES, 1991, p. 170).

Aristóteles entende a virtude como necessária para formar amizades que são adquiridas por meio da educação e da prática do bem. As amizades contribuem para a formação do ser humano, revelando a busca por conexões autênticas. Aristóteles, no livro VIII da *Ética a Nicômaco* (1991), define três tipos de amizade: a amizade útil, a amizade virtuosa e a amizade prazerosa. Segundo ele, a amizade perfeita, fundamentada na virtude, é aquela em que ambos desejam o bem um do outro, e essa interação se sustenta por toda a vida, contribuindo para o desenvolvimento das qualidades de cada um.

Por isso sua amizade dura enquanto são bons — e a bondade é uma coisa muito durável. E cada um é bom em si mesmo e para o seu amigo, pois os bons são bons em absoluto e úteis um ao outro. E da mesma forma são agradáveis, porquanto os bons o são tanto em si mesmos como um para o outro, visto que a cada um agradam as suas próprias atividades e outras que lhes sejam semelhantes, e as ações dos bons são as mesmas ou semelhantes. (Aristóteles, 1991, p.174)

Nesse caso, se uma pessoa busca amizade apenas pela utilidade, é provável que essa amizade não dure, pois pode haver um desequilíbrio de interesses, onde uma das partes busca apenas benefícios pessoais. Além disso, segundo Aristóteles, relações baseadas somente em prazer ou utilidade não podem ser consideradas verdadeiras amizades, que devem se fundamentar na bondade genuína das pessoas envolvidas. Annas (1995) e Kraut (2021) reafirmam essa compreensão de Aristóteles ao reconhecer que a felicidade plena não se resume ao prazer, mas principalmente por práticas constantes das virtudes e racionalidade durante a vida.

A presença de amigos é crucial tanto em momentos de prosperidade quanto em adversidade, visto que esses momentos, como reconhece Nussbaum (2001), são constituídos por circunstâncias fora do controle do indivíduo, não dependendo de virtude e racionalidade. Aristóteles afirma que, em tempos difíceis, buscamos amigos úteis, enquanto nos momentos felizes, procuramos aqueles que são bons e confiáveis para compartilhar nossas conquistas. Em qualquer circunstância, a companhia de amigos é valorizada, pois trazer alegria em tempos bons e apoio em tempos difíceis é fundamental para a vida de um homem.

Um homem não tem os mesmos deveres com amigos que teria com outros, pois, como afirma Aristóteles, essas relações são diferentes e oferecem também benefícios diferentes. Amizades verdadeiras e virtuosas não deixam espaço para queixas, ao contrário das que se baseiam no prazer, que sempre esperam reciprocidade. Para Aristóteles (1991, p.191-192), amizades baseadas na utilidade costumam gerar queixas, pois cada um busca lucrar na relação e se sente prejudicado quando não recebe o que deseja.

No que diz respeito a um homem feliz, é necessário que haja amigos para que essa alegria se prolongue, e a natureza humana demanda que a bondade seja praticada em companhia de outros. Portanto, como afirma Aristóteles na *Ética a Nicômaco* (1991), um homem precisa de amigos não apenas para adquirir benefícios, mas para compartilhar a bondade e a felicidade em conjunto. Consoante Rocha (2006, p.76-77), a amizade deve refletir o bem mais elevado de cada um, afinal, o amigo deve ser aquele com quem se compartilha virtudes e valores.

Para MacIntyre (2001, p. 253), a felicidade está vinculada a uma vida ativa e orientada pela virtude. O indivíduo alcança a *eudaimonia* por meio da prática constante do bem, sendo a ausência da virtude um obstáculo a esse fim. A amizade virtuosa contribui para esse processo, pois fortalece as ações morais e promove o autoconhecimento, ao permitir o compartilhamento de ideias e reflexões, indo além da mera convivência superficial.

Para alcançar a verdadeira felicidade, é necessário ter amigos que compartilhem do mesmo ideal de bondade, criando um equilíbrio na amizade. Rocha (2006) entende que tanto para Aristóteles quanto para Platão, a amizade é um meio de alcançar a verdade, o bem e a felicidade genuína, mesmo que os filósofos tenham abordagens diferentes desse conceito.

Entender a amizade requer observar a igualdade do amor entre os indivíduos. Se um filho ama mais que o pai, como afirmado na *Ética* (1991), é possível resultar em uma amizade desequilibrada. Aristóteles menciona que o amor paterno, muitas vezes, é sentido em um desejo de ver o filho prosperar, mesmo sem uma troca equivalente. Contudo, para o pensador, o amor materno pode ser uma exceção, onde a mãe ama independentemente da reciprocidade.

Mas dir-se-ia que ela reside antes em amar do que em ser amado, como mostra o deleite que as mães sentem em amar; pois algumas mães entregam os filhos a outros para serem educados, e, enquanto conhecem o destino deles, amamos sem procurar ser amadas em troca (se não lhes são possíveis ambas as coisas), mas parecem contentar-se em vê-los prosperar; e amam os seus filhos mesmo quando estes, por ignorância, não lhes dão nada do que se deve a uma mãe. (Aristóteles, 1991, p.182)

É interessante notar que, por ser mais difícil de realizar, a amizade virtuosa é vista como algo raro, levando a uma maior ênfase na referência a amizades que se baseiam na utilidade ou no prazer. Embora essas relações sejam comuns, não são necessariamente menos benéficas, pois há uma troca entre os indivíduos envolvidos. Contudo, Aristóteles (1991, p. 175) afirma que aqueles “que não tardam a mostrar mutuamente sinais de amizade desejam ser amigos, mas não o são a menos que ambos sejam estimáveis e o saibam; porque o desejo da amizade pode surgir depressa, mas a amizade não”.

Dessa forma, amizades formadas na virtude tendem a ser mais duradouras e resistentes a calúnias, pois a confiança entre amigos virtuosos não é facilmente abalada. Quando uma amizade é criada a partir de um princípio virtuoso, as acusações externas não a comprometem facilmente. Em contrapartida, amizades não fundamentadas podem se desfazer na presença de desconfiança (ARISTÓTELES, 1991, p.176).

Nesse contexto, Rocha (2006) destaca o papel essencial da amizade (*philia*), como virtude política e assinala a dimensão de *alteridade* dessa experiência. Segundo ele, Aristóteles concebia a amizade verdadeira como um vínculo no qual o outro é visto como um "outro si mesmo", ou seja, um espelho moral que permite ao indivíduo aprimorar-se eticamente. Rocha (2006, p.76-77) ressalta que a amizade virtuosa desempenha um papel central nesse processo, pois cria um espaço onde as virtudes são exercitadas e fortalecidas.

O valor das ações é mais relevante do que a busca por utilidades passageiras. A virtude, uma prática duradoura, se destaca em comparação ao que é alcançado pela mera utilidade. Dessa forma, Paviani (2012) afirma que a ética aristotélica não se limita a conceitos como virtude e felicidade, mas sim na prática constante e educacional, ou seja, por meio da experiência e repetição de ações virtuosas. Um homem que é amigo de si mesmo age com justiça e virtude, e buscar práticas nobres é fundamental para viver em harmonia.

As relações de amizade que estabelecemos são fundamentais e refletem a interação que temos com os outros. Segundo Aristóteles, as pessoas são naturalmente inclinadas a compartilhar suas vidas, sentimentos e experiências. A amizade não se resume a momentos de prazer ou a relações baseadas apenas na utilidade, mas é algo mais profundo e

significativo. Nesse sentido, Rocha (2006) complementa ao indicar que a amizade verdadeira não é apenas um laço afetivo, mas um compromisso mútuo de crescimento moral. Assim, a formação do sujeito se fortalece na medida em que as relações interpessoais são pautadas pela troca de experiências e pela busca conjunta do bem.

A virtude é fundamental em uma amizade verdadeira. Assim, tanto amigos quanto indivíduos podem ser considerados bons ou maus, e as virtudes se formam a partir das experiências vividas.

Com efeito, a vivência da ética na atualidade é algo desafiador, especialmente considerando as questões já apresentadas. Nos tempos modernos, as relações tendem a ser mais superficiais e mediadas por tecnologias de informação. Este cenário contemporâneo muitas vezes nos leva a valorizar bens materiais e experiências temporárias, com a solidão se tornando uma alternativa de preferência a buscar desenvolver amizades sinceras.

A superficialidade é evidente nas conexões virtuais, algo que podem dificultar relações mais profundas. Além disso, a vida corrida e as mudanças nos hábitos sociais limitam a capacidade de estabelecer novos vínculos de amizade. Embora as amizades virtuosas exijam mais investimento e atenção, há uma tendência das pessoas a mais frequentemente manter contatos temporários que oferecem benefícios momentâneos.

4 - CONSIDERAÇÕES ACERCA DO SENTIDO EDUCATIVO DA AMIZADE

O que foi exposto até então, revela a amizade, enquanto conceito ético e pedagógico, como experiência que desempenha um papel essencial na formação do indivíduo, especialmente no contexto educacional. Na *Ética a Nicômaco*, Aristóteles propõe que a amizade verdadeira, ou *philia*, é uma das virtudes fundamentais para a construção de um caráter ético, caracterizando-se como um vínculo onde o outro é visto como "outro si mesmo" (ROCHA, 2006). Isso implica uma troca contínua de virtudes, onde o indivíduo se aperfeiçoa moralmente por meio da convivência com os outros, afinal, como assinala Aristóteles.

[...] a amizade é uma parceria, e tal é um homem para si mesmo, tal é para o seu amigo; ora, para ele a consciência do seu ser é desejável, e também o é, por conseguinte, a consciência do ser de seu amigo; e essa consciência torna-se ativa quando eles convivem. Por isso, é natural que busquem o convívio. (Aristóteles, 1991, p. 218).

Rocha (2006) e Paviani (2012) reforçam essa leitura ao destacarem que a amizade não é apenas um vínculo afetivo, mas um espaço formativo no qual se exercitam as virtudes morais, como justiça, responsabilidade e solidariedade. A *philia*, enquanto princípio educativo, exige convivência, tempo, escuta e compromisso mútuo, elementos cada vez mais escassos num cenário marcado pela velocidade, pela superficialidade dos contatos e pela valorização de interações utilitárias.

Nessa perspectiva, podemos compreender o significado desse vínculo na escola. A amizade dentro do contexto da sala de aula, desempenha um papel fundamental na construção de um ambiente educativo mais humanizado e colaborativo. Ao considerar a amizade como uma prática ética, como propõem Carvalho e Colombani (2014), estamos reconhecendo que a sala de aula não é apenas um espaço para a transmissão de conhecimentos científicos, mas também um lugar onde as relações interpessoais são essenciais para o desenvolvimento integral dos alunos. A experiência de amizade dentro desse espaço favorece não apenas o aprendizado cognitivo, mas também o aprendizado ético e afetivo.

A amizade entre alunos, no contexto da sala de aula, pode ser compreendida como uma prática ética que amplia as possibilidades formativas e relacionais. A amizade pode ser compreendida como um vínculo afetivo espontâneo entre colegas de classe, e se constitui em elemento fundamental na construção de um ambiente escolar mais acolhedor, cooperativo e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes. Para Carvalho e Colombani (2014, p.6), “a amizade pode ser tomada como uma prática e um estilo de existir que, se adotada e vivida por alunos e professores, faria da sala de aula um espaço aberto a relações intersubjetivas renovadas”. Essa perspectiva nos convida a entender que os laços que se formam entre os alunos não são meramente circunstanciais, mas constituem uma dimensão ética da convivência escolar.

Ainda no contexto educacional, a amizade entre aluno(a) e professor(a) pode constituir um espaço privilegiado para a formação ética, ao possibilitar a vivência concreta das virtudes no cotidiano escolar. Nesse sentido, Paviani (2012, p. 113) destaca que a ética aristotélica não se limita a uma elaboração teórica, mas se realiza nas interações interpessoais, especialmente no âmbito das relações formativas que ocorrem no processo de aprendizagem.

O vínculo de amizade entre aluno(a) e professor/a, enquanto relação baseada na confiança e no respeito mútuo, cria um espaço no qual o(a) estudante pode experimentar e internalizar os valores éticos capazes de orientar a sua conduta. Ao se colocar como modelo ético, o(a) professor(a) exerce a função pedagógica de orientar esse estudante não apenas no aprendizado técnico, mas também no desenvolvimento moral e na formação do caráter.

Segundo Barreiro e Carvalho (2022, p. 170), a amizade no contexto educacional da escola e no espaço acadêmico, vai além da mera troca de informações. Ela possibilita um vínculo de confiança e apoio, essencial para o crescimento emocional e intelectual do aluno. Ao cultivar um ambiente amigável, onde o(a) professor (a) é visto(a) como um(a) orientador(a) ético e moral, o(a) estudante não só aprende conteúdos, mas também vivencia experiências importantes para a vida em sociedade, consolidando atitudes como empatia, solidariedade e responsabilidade.

Essa amizade no âmbito educativo, portanto, configura-se como uma relação afetiva, mas também um processo pedagógico no qual as virtudes são compartilhadas, vividas e fortalecidas. Barreiro e Carvalho (2022) ressaltam que essa relação é uma via de mão dupla, pois, ao educar, o professor também se vê desafiado a refletir sobre suas próprias virtudes e valores, promovendo uma educação ética e holística.

Assim, a amizade entre aluno(a) e professor(a), quando vivida de maneira virtuosa, torna-se uma prática educativa fundamental. Ela cria um espaço seguro e respeitoso onde as virtudes podem ser cultivadas, fortalecendo a formação humana dos indivíduos. Como sugere a leitura de Aristóteles (PAVIANI, 2012; BARREIRO & CARVALHO, 2022), a amizade no contexto educacional não só favorece o crescimento intelectual, mas também a formação ética, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Para além disso, é na convivência entre alunos, mediada pela amizade, que se permite o cultivo da empatia e da escuta, fortalecendo o ambiente escolar como espaço de encontro e formação ética. A amizade, entendida como *philia*, atua como um elo entre o eu e o outro, e contribui para a construção de uma comunidade educativa em que as diferenças podem ser respeitadas e valorizadas.

Essas questões, compreendidas no âmbito do educativo, revelam que a formação não ocorre apenas por meio da introspecção ou do aprendizado intelectual, mas pela convivência e pelo reconhecimento do outro como parte fundamental do próprio processo de aperfeiçoamento moral. É nessa perspectiva que Paviani (2012) reforça que a educação para a virtude é essencial para que as relações humanas possam se fundamentar em princípios mais sólidos e autênticos.

5. CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, podemos dizer que o conceito tradicional de amizade, possui grande relevância para o debate educativo em nossos dias. Quanto a isso, é importante que ele

seja ampliado à luz das novas perspectivas apresentadas pelos estudiosos contemporâneos, cujas análises consideram os desafios e as oportunidades das relações na sociedade moderna.

A amizade, conforme descrita por Aristóteles (1991) na *Ética a Nicômaco*, revela-se como um aspecto fundamental não apenas para o desenvolvimento individual, mas também para a vida em sociedade. Ao longo do trabalho, verificou-se como o conceito aristotélico de *philia* continua relevante, apesar das mudanças nas estruturas sociais e das dinâmicas modernas que afetam as relações interpessoais. Compreendemos que Aristóteles vê a amizade como uma relação fundamental para o cultivo das virtudes e para o florescimento humano.

Esse processo de integração entre o pensamento clássico e contemporâneo não só contribuiu para a compreensão do significado da amizade na ética aristotélica, mas também possibilitou a identificação de desdobramentos dessa concepção nas relações sociais e no desenvolvimento moral do sujeito na atualidade. Sendo assim, compreendemos melhor como o sentido de *philia* vem se fragmentando em novas interpretações no decorrer do tempo.

A amizade, que era vista por Aristóteles como uma virtude fundamental, precisa ser redescoberta para superar as tendências atuais de relacionamentos utilitários ou focados apenas no prazer momentâneo. A perspectiva de Aristóteles (1991) também sugere que a amizade, para ser saudável, precisa se alicerçar na busca pelo bem comum, e não em ganhos passageiros. Consideramos, portanto, que, para que essa *philia* virtuosa seja de fato alcançada, é necessário fomentar práticas educativas fundamentadas em ações éticas, que comprometidas com a superação da superficialidade e do individualismo, características das relações fragmentadas na contemporaneidade.

Nessa perspectiva, Barreiro e Carvalho (2022) argumentam que a crise das relações humanas contemporâneas, marcada pelo individualismo e pela superficialidade dos laços sociais, reforça a necessidade de resgatar a amizade como um elemento essencial para a construção de uma sociedade mais ética e solidária.

Em um contexto social onde as relações muitas vezes se limitam ao nível virtual, o aprofundamento dos vínculos verdadeiros representa um desafio e, ao mesmo tempo, uma necessidade para a construção de uma vida plena. Isso é corroborado por MacIntyre (2001), que defende a recuperação das virtudes clássicas, como a amizade, como um caminho para restaurar a moralidade nas relações humanas.

Essa amizade ideal, indicado por Aristóteles, transcende os interesses egoístas e permite que os indivíduos alcancem um estado de realização compartilhada. Assim, as amizades formadas com base na virtude e na busca pelo bem comum são apresentadas não apenas como

um ideal, mas como um elemento vital para o fortalecimento da integridade e da dignidade humana.

Tal perspectiva é corroborada por Taylor (1989) e MacIntyre (2001), a partir dos quais se conclui que a amizade ainda pode ser um canal para a prática da moralidade e da ética na vida cotidiana, promovendo a reciprocidade, a confiança e o apoio mútuo como elementos essenciais da existência humana. Desse modo, compreende-se que, mesmo diante do surgimento de novas formas de vivenciar a amizade, ela continua sendo uma via legítima e significativa para a construção de uma comunidade pautada em valores éticos.

Assim, compreendemos que a amizade se revela um caminho para uma educação mais colaborativa e transformadora, onde o crescimento ético e intelectual ocorre de forma conjunta. Dessa forma, ao cultivar relações baseadas na virtude dentro do ambiente educacional, é possível criar um contexto de aprendizado que não apenas transmite conhecimento, mas também fortalece a formação ética e a construção de uma comunidade educativa mais sólida e comprometida com o bem comum.

Por fim, analisando o significado da amizade no contexto educacional se destaca nas experiências formativas que contribuem para a maneira como os indivíduos estabelecem relacionamentos no futuro. Dessa forma, a amizade aristotélica, mesmo em uma sociedade marcada pela rapidez e pela comunicação mediada por tecnologia, permanece como um dos caminhos mais profundos e satisfatórios para a construção de um caráter ético e para a realização de uma vida verdadeiramente significativa.

REFERÊNCIAS

ANNAS, Julia. **The Morality of Happiness**. Oxford University Press, 1995.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores, v. 2).

BARREIRO, Mateus de Freitas; CARVALHO, Alonso Bezerra. A ética da amizade em Aristóteles e suas contribuições na relação professor-aluno. In: SILVA, Matheus Estevão Ferreira da; MARTINS, Raul Aragão (org.). **A formação ética, moral e em valores na pesquisa em educação**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 163-182.

CARVALHO, Alonso Bezerra de; COLOMBANI, Fabiola. A sala de aula como espaço de encontro: ética e amizade na prática pedagógica. In: **Anais do Congresso Internacional de Filosofia e Educação**, 2. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do sul, 2014.

CENCI, Angelo Vitório; DALBOSCO, Cláudio Almir. A *philia* e o sentido formativo da amizade na ética aristotélica. **Educação Unisinos**, v. 28, 2024.

CRISP, Roger (Ed.). Aristotle: **Nicomachean Ethics**. Cambridge University Press, 2014.

DUGNANI, Patrício. Meios de comunicação e o sujeito ensimesmado: o individualismo, a visibilidade e a falência da alteridade. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, v. 15, n. 1, p. 37–47, jan./jun. 2020.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; KRONBAUER, Luiz Gilberto. **Formação e Docência como phronesis: Sendo e aprendendo a ser**. Educação em Revista, v. 39, 2023.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução, adaptação e introdução de Maria de Regino. Goiânia, GO: Ed. da Autora; Bibliolibras - Biblioteca Bilíngue Libras-Português, 2021.

KRAUT, Richard. **Aristotle on the Human Good**. Princeton: Princeton University Press, 1989.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 2003.

MACINTYRE, Alasdair C. **Depois da virtude: um estudo em teoria moral**. Bauru: Edusc, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de S.; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2009.

NUSSBAUM, Martha C. **The Fragility of Goodness: Luck and Ethics in Greek Tragedy and Philosophy**. Cambridge University Press, 2001.

PAVIANI, Jayme. A função pedagógica da ética em Aristóteles. **Educação**. Porto Alegre, p. 110-115, 2012.

PAVIANI, Jayme. **Ética da formação**. Caxias do Sul: Educs, 2016.

ROCHA, Zeferino. O amigo, um outro si mesmo: a Philia na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. **Psychê**, v. 10, n. 17, p. 65-86, 2006.

TAYLOR, Charles et al. **Sources of the Self: The Making of the Modern Identity**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989.

ZINGANO, Marco. Prazeres falsos, boas amizades. **Revista Archai**, v. 34, p. e03412, 2024.

LUCAS FELIPE RODRIGUES DE OLIVEIRA

FORMAÇÃO HUMANA E AMIZADE SEGUNDO A *ÉTICA* DE ARISTÓTELES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel/licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 10/04/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Maria Betânia do Nascimento Santiago (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Nelio Vieira de Melo (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Everaldo Fernandes da Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco